

HEBREUS 9,27 – A BASE DE UM GRANDE SOFISMA

Pode parecer estranho dizer que um texto bíblico pode ser motivo de um sofisma; mas isso é o que acontece pelo que consta nessa passagem bíblica, pois todos os que se dizem contra a existência da reencarnação usam referida passagem para afirmar que a reencarnação não existe em função do seu teor.

Vejam os que nela está escrito; ela diz mais ou menos assim: *“27. Como está determinado que os homens morram uma só vez, e logo em seguida vem o juízo,”* (São tantas as versões que usamos uma redação aproximada do sentido comum extraído das demais).

Entretanto, se o leitor prestar um pouco de atenção ao texto verificará que essa passagem, ao contrário do que afirmam os antirreencarnacionistas, não nega a reencarnação, já que o espírito não morre. Assim, como o que morre é o corpo (e ele só morre uma vez, porque se decompõe, retornando aos elementos químicos básicos que o formaram), essa afirmação só seria válida se em Hb 9,27 estivesse escrito que *só se nasce uma vez*; aí, sim, a reencarnação estaria, nesse ponto, sem suporte bíblico, pois evidenciaria que o espírito só viveria uma única vez, já que, nesse caso, como só poderia nascer uma vez, literalmente estaria impedido de nascer de novo, isto é, de ocupar novo corpo. Mas alguém poderá argumentar que o “só se nasce uma vez” é contrário à reencarnação, já que se se morre várias vezes não se pode, concomitantemente, afirmar que só se nasce uma vez, pois cada morte é precedida de um nascimento. Não nos esqueçamos que o ser humano é composto de corpo (matéria) e espírito (essência), como as religiões cristãs e não cristãs assim preconizam, sendo o corpo a parte perecível, que se decompõe, como toda matéria, nos elementos químicos básicos que o formaram para servir de vestimenta do espírito. Isso porque o espírito é o mesmo, mas o corpo é uma nova matéria, que começa a se delinear a partir da fecundação do óvulo pelo espermatozóide, e a existir a partir do início da formação embrionária (concepção), para uso do espírito, como uma vestimenta é usada pelo ser humano. Consequentemente, o “só se nasce uma vez” não entra em conflito com a ressuscitação, já que esta última (ressuscitação) não implica em novo nascimento, mas em um simples retorno, isto é, volta do espírito ao mesmo corpo, do qual ele saíra e que, ainda, não se encontrava decomposto, a exemplo da vestimenta. Não é lógico, caro leitor?

E esse nosso entendimento está conforme o que diz a “palavra de Deus”, constante de Genesis 3,19 e Eclesiastes 12,7, dizendo este último: *“Então o nosso corpo voltará para o pó da terra, de onde veio, e o nosso espírito voltará para Deus, que o deu.”* (Bíblia de Estudo Nova Tradução na Linguagem de Hoje, da SBB). Ou será que alguém pretenderá contradizer a “palavra de Deus”?

Aqui, pedimos a sua atenção, caro leitor, para o fato de que a epístola aos hebreus, ao contrário das outras, é a única cujo autor não é identificado, o que nos leva a duvidar sobre a confiabilidade das suas colocações, como pertencendo a um só autor ou se é o resultado de um apanhado de diversos autores ou pronunciamentos; qualquer dúvida sobre o que dizemos, pedimos verificar na introdução a essa epístola.

Agora, em contraposição à interpretação dos não reencarnacionistas, tirada dessa passagem de Hebreus (9,27), apresentamos as passagens contidas em Malaquias, 3,22-23 ou 4,4-5, conforme a versão, e em Mateus 11,13-15; diz Malaquias: *“Lembrai-vos da Lei de Moisés, meu servo, a qual lhe mandei em Horebe para todo o Israel, a qual são os estatutos e juízos. Eis que eu vos envio o profeta Elias, antes que venha o dia grande e terrível do SENHOR;”*. Veja o leitor que a “palavra de Deus” identifica o profeta que será enviado (Elias), o que impede se pretenda alegar que foi prometido um profeta com a mesma missão ou o mesmo ministério de Elias, conforme algumas interpretações sugerem; isso porque Elias é

mencionado nominalmente como o profeta que será enviado antes de Jesus; já em Mateus Jesus diz: *"13 Porque todos os profetas e a lei profetizaram até João. 14 E, se quereis dar crédito, é este o Elias que havia de vir. 15 Quem tem ouvidos para ouvir ouça."* Logo, como Deus diz que vai enviar Elias, não podemos entender de outra forma, senão a de que será Elias o profeta enviado *"antes que venha o dia grande e terrível do SENHOR"*, conforme Jesus afirma em Mateus 11,13-15 e confirma em 17,10-13: *"10 Em seguida, os discípulos o interrogaram: Por que dizem os escribas que Elias deve voltar primeiro? 11 Jesus respondeu-lhes: Elias, de fato, deve voltar e restabelecer todas as coisas. 12 Mas eu vos digo que Elias já veio, mas não o conheceram; antes, fizeram com ele quanto quiseram. Do mesmo modo farão sofrer o Filho do Homem. 13 Os discípulos compreenderam, então, que ele lhes falava de João Batista."* Veja o leitor que os discípulos (pelo menos Pedro, Tiago e João) tinham conhecimento da reencarnação, como se vê da pergunta que eles fizeram a Jesus e, em virtude da resposta dada, eles terem compreendido que Jesus lhes falava de João Batista. Ou ainda se vai negar?

Portanto, não cabe o famoso chavão de que João veio com a função ou missão de Elias, como os antirreencarnacionistas alegam, porque, nesse caso, estar-se-á afirmando que Deus nos enganou, já que disse que mandaria o profeta Elias (Mt 4,5) e nos teria mandado outro profeta, e que Jesus nos mentiu ao afirmar (Mt 11,13-15) e confirmar (Mt 17,10-13) que João é Elias, quando, de acordo com o entendimento dos antirreencarnacionistas em geral, não seria. Nesse caso, podemos dizer que Deus nos enganou e que Jesus nos mentiu? Claro que não! Então, só nos resta a conclusão de que João é Elias, ainda que se tente alegar que a Bíblia é inerrante. Em função disso, perguntamos: Se a Bíblia não erra, então Deus nos enganou e Jesus nos mentiu?! Deixamos a cargo do leitor a opção de dizer com quem está a razão.

Para corroborar nossa interpretação damos o seguinte exemplo: O Papa comunica aos habitantes da "Cidade de Deus" que vai mandar um padre chamado Olegário para anunciar quando será instalada a diocese nessa cidade e quem será o seu primeiro bispo; além disso, o Papa diz que o pároco conhece esse padre de nome Olegário. Suponha que esse padre chegue lá normalmente e alguém lhe pergunte quem ele é e ele simplesmente responda: eu sou aquele a respeito de quem o Papa disse que vem anunciar a instalação da diocese e quem será o seu primeiro bispo; certamente aparecerão aqueles que, embora sabendo da promessa do Papa, não acreditarão na sua história e vão perguntar ao pároco quem é esse que diz que veio anunciar a instalação da diocese e quem será o seu primeiro bispo; suponha, agora, que o pároco diga que esse é aquele que o Papa prometeu mandar para anunciar a instalação da diocese e informar quem será o seu primeiro bispo. Será que, em virtude dessa resposta, alguém vai duvidar do pároco e dizer que aquele padre não é o Olegário, mas, apenas, um padre que veio com a mesma função do padre prometido pelo Papa? Por serem o Papa e o pároco pessoas comuns, até poderíamos admitir como válida a dúvida deles sobre o fato de o Papa os ter enganado por ter prometido mandar o padre Olegário e mandado outro, e de que o pároco mentiu ao afirmar que aquele padre seja o prometido padre Olegário que deveria vir; entretanto, em se tratando de Deus e de Jesus alguém terá coragem de dizer, ou de suspeitar que Deus, a exemplo do Papa, nos enganou e que Jesus, a exemplo do pároco, nos mentiu? Quem vai dizer?... Eu, jamais!

Agora, perguntamos ao leitor: será que há alguma diferença entre o exemplo aqui proposto e as passagens descritas em Malaquias 3,23 (ou 4,5) e Mateus 11,13-15?

Veja o leitor a promessa do Papa, a exemplo do que prometeu Deus em Malaquias, e a afirmação do pároco, a exemplo do que afirmou Jesus em Mateus; um prometeu e o outro confirmou o que foi prometido. Tirando os nomes das pessoas descritas no exemplo e as mencionadas na Bíblia, há alguma diferença entre as duas situações?

Feitos esses comentários a respeito da parte inicial desse versículo, passemos à sua parte final, que diz: *"e logo em seguida vem o juízo"*.

Como o leitor poderá notar, o próprio texto também menciona que há um juízo **logo em seguida** à morte da pessoa, parte essa não mencionada nos argumentos contrários à existência da reencarnação. Em virtude disso, perguntamos: como fica "o juízo final" que os advogados da sua existência citam como previsto na passagem descrita em Mateus 25,31-46? É aí que surge o nosso dilema como leitor da Bíblia: ou esse "juízo final" anula o anteriormente efetuado, por ocasião da morte da pessoa, tornando desnecessário o juízo aqui mencionado (Hb 9,27); ou esse "juízo final", embora sendo o último, é mais um juízo; nesse caso, podemos inferir: se há um primeiro juízo e um último (juízo final), não há como não se pensar na existência de outros juízos intermediários, o que nos fornece a evidência da existência da reencarnação, pois, a cada morte ocorrida, haverá um juízo para aferição das ações ou omissões praticadas pelo espírito em cada existência no plano físico. Nesse caso, o "juízo final" fica para a ocorrência da última encarnação do espírito no planeta, no caso, a Terra, para passar a encarnar em outro planeta, mais apropriado ao estágio evolutivo do espírito.

Diante do acima exposto, perguntamos: será que ainda restará alguma dúvida de que a interpretação dos antirreencarnacionistas, dada a essa passagem de Hebreus (9,27), é um grande sofisma?

JOÃO FRAZÃO DE MEDEIROS LIMA